

MAURICIO LYRIO

# O imortal



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Mauricio Lyrio

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e foto*  
Milena Galli

*Preparação*  
Cica Caropreso

*Revisão*  
Márcia Moura  
Jane Pessoa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lyrio, Mauricio

O imortal / Mauricio Lyrio. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3095-5

1. Ficção brasileira I. Título.

18-13493

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialettras](https://twitter.com/cialettras)

*Yes, character is destiny, and yet everything is chance.*

Philip Roth

*A vida são as maneiras como deixamos escapar nossas vidas.*

Randall Jarrell

*Você não deveria ter acreditado em mim.*

Hamlet

# 1.

14 de dezembro de 2025

O suicídio de Andrés talvez tenha vindo em boa hora. As declarações de Peter, mais misóginas do que racistas, também podem ter ajudado. Que os ineptos e os mortos não sejam candidatos parece critério razoável, mas me ressinto de não ter citado Nabokov ou Borges no discurso do Nobel. Não ser candidato não significa não ser digno de menção pelos que lhe devem algo.

Graciliano, Guimarães, Drummond, João Cabral. Tampouco me senti obrigado a mencioná-los. Alguém declarou que o primeiro Nobel brasileiro deveria pagar tributo aos compatriotas que poderiam ter recebido o prêmio antes. Pagar tributo é um anglicismo, e compatriota não me soa bem em literatura. Como compatriótico ou conterrâneo. Lembra literatura regionalista.

Citei Machado e Euclides. Machado quase não teve tempo de concorrer e sobreviverá a mim e a quase todos os premiados. Isso não é difícil. Difícil é sobreviver aos que não ganharam o

prêmio, a Tolstói e Tchêkhov, a Proust e Joyce, a Musil e Kafka, que ainda estarão vivos quando o último homem cair morto.

Dizem que um condenado à pena capital atravessa o corredor da morte com o peso do mármore. Se o suicídio é o único problema filosófico verdadeiramente sério, como queria Camus, deveria ser simples ter sobre as costas a obrigação legal de morrer. Antes de entrar no salão da Academia Sueca, o premiado também caminha por um longo corredor. Com todo o apego ao ego e à obra, percorre-o com a leveza de quem recebe uma segunda vida.

Foi quase isso que senti. Ao fazer o discurso fixei-me num rosto. Lia meu texto e voltava-me para o rosto. Dois olhos cinza sobre a pele clara, uma luminosidade desumana, fora de qualquer medida. Li como se lhe dedicasse um discurso íntimo. Disseram-me que duas emissoras de tevê brasileiras transmitiram a cerimônia ao vivo. Pulei uma palavra e errei uma sílaba. Nada mau para um discurso de quarenta e cinco minutos que começou a me cansar perto do fim. Pluralismo provoca certo desconforto no céu da boca, pela transição pouco natural do PL ao R e de volta ao L. Não é a primeira vez que a pronuncio mal. Comi a palavra “abismo”. Deveria mencioná-la duas vezes, mas só saiu uma. Se o Afonso estivesse vivo, teríamos uma sessão inteira sobre o *lapsus de lecture*, diria ele com sotaque de lacaniano carioca. Já a menção aos versos de Shakespeare era inevitável. Até o ganhador do Nobel precisa de um pai.

A cerimônia de entrega do prêmio, no dia seguinte, pareceu-me mais afetada que solene. Ainda encenam peças de Ionesco? Agir com naturalidade em meio ao teatro da realeza exige esforço. De um lado, cinco homens de casaca representam, com sua inteligência e trabalho, algo da sabedoria do mundo; do outro, um rei, uma rainha, uma princesa e dois príncipes mantêm-se hieráticos, adornados devidamente. Eu me senti no cenário de uma fábula de Andersen adaptada para crianças com déficit de atenção. Por um momento, o charme do prêmio diminuiu.

Passei os três dias seguintes sem dizer uma palavra. Sem escrever uma linha além deste diário. Boa cama e boa comida, uma garrafa de vinho, silêncio. Só fez aumentar a comoção em torno de meu nome. Quando cheguei ao Rio, na volta de Estocolmo, havia uma faixa no novo aeroporto internacional da Zona Oeste: O NOBEL É NOSSO, com meu nome embaixo e as mesmas letras maiúsculas. Custei a entender o sentido. A faixa era mais extensa que a piscina da academia onde corro a distância do Leme ao Leblon sem mover-me do meio metro quadrado da esteira. Duas raias semiolímpicas encobrimo a vista bonita da praia do Recreio, no mezanino do aeroporto. Letras amarelas sobre azul-turquesa (ao menos evitaram o verde). Nunca tinha visto meu nome escrito com letras do tamanho de um pônei. Deve haver formas mais elegantes de grafá-lo.

Minha resistência a entrevistas e eventos parece estudada. Talvez haja algo de ardil, mas a impaciência é genuína. Não tenho o que acrescentar ao que escrevo. Se tivesse, escreveria mais. Tampouco me sinto culpado se o silêncio ajuda a criar certa aura de mistério. É verdade que tendo a admirar a obra de escritores que pouco falam. Quando se manifestam, invariavelmente corrompem algo que parecia perfeito. Os livros são sempre melhores que os autores.

Posso recusar os convites sem remorsos. Remorsos financeiros, quero dizer, pois outros já não vêm ao caso. O Itamaraty proveu-me o essencial por mais de trinta anos, e talvez não haja razão para largá-lo. O dinheiro do prêmio e o aumento das vendas darão alguma folga. Meus filhos hão de estar contentes. Telefonaram.

Farei uma pausa de duas semanas antes de voltar a escrever. Algum cinema, as imagens de orquestras dançando no ar sobre o smartphone holográfico que a Deutsche Grammophon me deu em Estocolmo, uma visita à filial do Hermitage na Gávea, Borges, Calvino, Bellow, Conrad, Nelson Rodrigues, releituras de prazer.

Não creio que o prêmio me desobrigue de continuar. Não chega a ser um vício. Escrever tornou-se um hábito, custoso às vezes, mas sempre com a expectativa de uma surpresa. Há uma infinidade de maneiras de combinar palavras. Não sei se minhas combinações melhoraram. Tornaram-se mais fáceis pelo menos.

Não detectei alegria ou desprazer no rosto. Talvez um leve incômodo nos olhos absurdos, por terem concentrado a atenção do Nobel de literatura.

\* \* \*

BRASEMB ESTOCOLMO

TELEGRAMA

Caráter: Reservado

Prioridade: Normal

Distribuição: DE-I/DC/DP

Classificação: PEXT-BRAS-SUEC

Categoria: MG

De Brasemb Estocolmo para Exteriores em 11/12/2025.

Índice: Relações Brasil-Suécia.

Entrega do prêmio Nobel.

Cássio Haddames.

Resumo: Relata cerimônia de entrega do prêmio Nobel a Cássio Haddames, em que tive a oportunidade de dialogar com o rei Carl XVI Gustaf.

Refdesptel 608. Como previsto, participei ontem, 10/12, da cerimônia de entrega do prêmio Nobel deste ano, no Stockholm Concert Hall, durante a qual o ministro de segunda classe Cássio Haddames foi agraciado com o galardão no campo da literatura.

2. Pouco antes do começo da cerimônia, tive a oportunidade de cumprimentar o rei Carl XVI Gustaf e de reafirmar os laços de amizade que unem o Brasil à Suécia. Sua Majestade recorreu o interesse em visitar o Brasil no próximo ano, como antecipei pelo tel. 1167. Fiz ver a Sua Majestade o quanto o Brasil aguarda com ansiedade sua visita e informei-o de que as negociações entre nossas chancelarias para determinar a data e o programa da viagem estavam bastante avançadas.

3. Conforme negociações prévias com o cerimonial da Casa Real sueca, sentei-me na segunda fileira do auditório, ao lado dos embaixadores dos Estados Unidos da América (Nobel de Física), Áustria (Nobel de Química) e China (Nobel de Economia). Em sua qualidade de ministro de Estado, o chanceler queniano, que veio a Estocolmo especialmente para a cerimônia, sentou-se na primeira fila, ao lado de seu homólogo sueco. Disse-me, emocionado, que o Quênia inteiro comemorava o Nobel de Medicina, o primeiro do país, e que pouco importava se o dr. Thiong'o havia deixado Nairóbi com dois anos de idade.

4. Troquei algumas palavras com o embaixador norte-americano, sentado à minha esquerda. Pareceu-me de gosto duvidoso a maneira pouco contrita como se referiu aos conflitos entre a Casa Branca e a prefeitura de Nova York acerca da futura reocupação de Midtown, em Manhattan. Recordei-lhe que, dos sessenta e dois diplomatas e demais funcionários do governo brasileiro que se encontravam na cidade no Sete de Janeiro, vinte e oito já haviam sucumbido aos efeitos da radioatividade e os demais viviam sob o espectro da doença e da morte iminente. Mais sóbrio diante de meu semblante circunspecto, o embaixador



Strether lamentou ter perdido alguns amigos, embora nenhum parente direto, até onde ele sabia. Disse-me que as investigações se arrastavam e que os serviços de inteligência não teriam chegado a uma conclusão sobre se os autores do atentado fariam parte ou não de um braço terrorista da Aliança pela Sobrevivência das Pequenas Ilhas do Índico e do Pacífico.

5. O MSC Cássio Haddames recebeu o prêmio das mãos de Sua Majestade. Na véspera, na Academia Sueca, em cerimônia à qual também estive presente, pronunciou seu discurso/palestra de laureado. O MSC Haddames fez apenas duas referências diretas ao Brasil (“Quando deixei o Brasil pela primeira vez, tive a impressão de que...” e “O Brasil dança mais do que lê, o que não é necessariamente...”). Não se referiu ao senhor presidente da República nem a Vossa Excelência.

6. Tendo em conta as posições muito pessoais do MSC Haddames, surpreende que não tenha feito comentário algum de natureza política. Seu discurso centrou-se em questões abstratas como o tempo, a resistência do homem diante da morte, o papel da arte. Para um primeiro Nobel brasileiro, pareceu-me um tanto ensimesmado ao longo das duas cerimônias. Leu seu discurso voltando-se para um ponto fixo no auditório. Em telegrama à parte, transmitirei a íntegra do texto.

7. O MSC Haddames não quis hospedar-se na residência nem ser homenageado com um coquetel que eu lhe ofereceria, com a presença da comunidade brasileira em Estocolmo. Acolheu, não sem certa hesitação, meu convite para que jantássemos na residência, onde não sofreria o assédio da imprensa brasileira e estrangeira, que evitou a todo custo nos dois dias em que estive nesta cidade. Já no começo do jantar, transmiti-lhe as razões por que Vossa Excelência não pôde vir a Estocolmo para a cerimônia.

8. Nos licores, mais descontraído, comentou que ainda não havia tomado uma decisão, mas muito provavelmente não pedi-

ria licença ao Itamaraty e continuaria no ERERIO. Disse ter boas relações com o novo chefe do escritório, ex-diretor-geral do Departamento Cultural e seu colega de turma no Rio Branco. Em nenhum momento referiu-se ao fato de que sua “candidatura” ao Nobel foi sugerida por Vossa Excelência ao senhor presidente da República e de que a literatura brasileira, e sua obra em particular, foi objeto de um incansável trabalho de divulgação na Suécia, que tive a honra de realizar com todo o afinho e dedicação ao longo dos dois últimos e intensos anos.

9. Estou enviando por GMD o diploma de concessão do Nobel e um livro de minha autoria que o MSC Haddames esqueceu na residência. Entre os pertences que encontrei na manhã seguinte, não estava a medalha do Nobel. Cheguei a telefonar para o hotel em que o MSC Haddames estava hospedado, mas ele já havia ido para o aeroporto, em carro cedido pelo governo sueco.

ARRAES GAUMOIS, embaixador

AG

\* \* \*

... o que vale mais, um escritor de onze livros, cinco romances, uma novela, três coletâneas de contos, uma de crônicas, um livro de memórias, onze no total, pelo menos cinco são muito bons, com certeza quatro são muito bons, ou um escritor só com três livros de ficção, por melhores que sejam? menos de novecentas e cinquenta páginas, um Nobel para quem só escreveu três romances, um Nobel para quem não escreveu mil páginas sequer, novecentas e quarenta e sete páginas pra ser mais preciso, deviam

estabelecer critérios e requisitos mínimos, não sobre o número de páginas, mas anteparos contra a subjetividade pura, contra injunções políticas, marés da moda, avaliação de mérito é coisa muito séria, devia ser encarada como uma ciência, exercida por homens também sujeitos a avaliações de mérito, um acerto mata dezenas de pessoas, um erro então mata centenas, milhares, morre-se aos poucos, remoendo as dores, a dor da derrota, o arbítrio da escolha mexe demais com o desejo e o esforço de cada um, anos e anos de trabalho, décadas de expectativas, não é só uma questão de vaidade, é também uma questão de justiça, de premiar o talento e o trabalho, evitar arbitrariedades, erros crassos de avaliação, quantos morreram sem saber? quantos morreram medíocres e renasceram gênios sem nunca ter tido a oportunidade de saber? já não tinham como fruir o reconhecimento, venerados pela crítica tardia, leitores retardados, universidades saudosistas, teses e mais teses, edições comemorativas, enquanto em vida eram escritores ignorados e ressentidos, sonhando e duvidando de si, deve haver um quê de sadismo em só dar o braço a torcer post mortem, por que ser magnânimo com alguém que vive ainda? talvez seja o charme do morto, o afeto por quem não goza mais, vender é uma maldição, ele nunca vendeu, os três romances juntos venderam menos que um dos meus livros de contos, ainda dizem que conto não vende, foi essa a grande virtude dele, nunca vender, proteger-se dos leitores, aliar-se aos críticos de armadura, nem vendi tanto, não me venham dizer que foi isso, o segundo romance, dezoito semanas no topo da lista, best-seller não emplaca no frio da Academia Sueca, sacana minha editora, tava rindo, o que importa é que você vende, isso significa que as pessoas gostam de te ler, di-ti-lê, não te ignoram, esse é o verdadeiro prêmio, dado pelos leitores, sempre congelo diante do chavão, fiz que não ouvi, a hipnose das ideias prontas, dizer o quê? cada um com seu desejo, com sua expectativa de décadas, seria mais fácil se ele fosse um canalha de verda-

de, a raiva seria mais natural, mais fácil de purgar, eu até gostava dele, chegou a elogiar dois livros meus, não parecia fingir, não era condescendência, era uma máscara às vezes, isso era o pior, mas havia algo além, talvez certa cumplicidade, o que importa são as palavras escritas, não pareceu clichê na boca dele, o que importa são as palavras escritas, repetia com os lábios roxos de tinto, tava mais interessado no pato e no vinho que na conversa, era sincero o elogio a meu livro de estreia, um elogio oito livros depois, como se o depois fosse a queda, como se o frescor estivesse lá atrás, nunca igualado, fez o mesmo elogio que tava no artigo do jornal, foi bom ouvir na hora, da boca dele, quem não gosta? um escritor se mata de trabalho pra isso, era sincera a voz, a despedida foi quase carinhosa, dois amigos, rivais dignos, uma nobreza quase viril, como se não fossem escritores, e agora é o abismo, nunca vão dar outro Nobel a um brasileiro pelos próximos trinta anos, todo escritor que teve a infelicidade de nascer neste país vai remoer a dor anos a fio, sabe que não tem chance, fechou-se uma porta na ponta do seu nariz, apanhamos todos pra dar felicidade a um, sempre se premia um para deprimir cem, duzentos, semana que vem sessenta e três anos, Vera tava com uma voz de enterro no telefone, eu queria parecer natural, olímpico, mas ela deve ter notado, sessenta e três anos na quarta-feira que vem, não há remédio contra pressão e artrite que faça um homem esperar tantos anos, não há sobrevida, não há o próximo, o Nobel acabou, fechou as portas, e ainda dizem que ele não se encaixa no Itamaraty, um Vinicius sem candomblé nem uísque, o governo montou um esquema e tanto, a viúva sempre serve a viúva, podem se odiar, mas no fim o corporativismo prevalece, quem não faz parte não leva, como é que eu fui achar que tava dentro? já falei até no Congresso, fui chamado pra presidir o prêmio Sagarana, coisa do MinC, o MinC chama sempre, o MinC chama sempre e não manda nada, escrever é o mais fácil, difícil é controlar o percurso do que se escreve, o efeito do

que se faz, não há regra, ninguém sabe, nem os marqueteiros de si e dos outros, por que ele não respondeu meu e-mail de parabéns?

\* \* \*

Dr. Benevides de Carvalho Meireles  
Rua Tonelero, 261, 7<sup>a</sup> andar, Copacabana.  
Paciente: André Damadeiro H.

Ele estava numa casa de pedra. Parecia um castelo no meio do deserto. As paredes eram pretas, eu via de longe o muro negro contra a areia cáqui, finíssima, quase um vapor de areia. Entrei em silêncio, para ele não perceber. O salão de entrada estava vazio, não tinha ninguém. Só um tapete enorme, uma colagem de peles de animais, em forma de estrela. Era um mosaico de manchas e listras escuras no couro amarelado, uma pele alta que se abria em cinco pontas. No fundo do salão tinha uma escada, da mesma rocha preta. Contornava o castelo por dentro, como uma serpente subindo as paredes em espiral. Eu tinha a sensação de estar subindo há muito tempo. Puxava o ar, o castelo não parecia tão alto visto de fora. Cheguei a um salão vazio, que dava para alguns quartos. Bem no centro vi um buraco no chão, parecia a boca de um poço. Me aproximei, dava para ver o térreo, muito lá embaixo, como se eu olhasse a estrela animal por uma luneta gigante. Uma das portas no salão tinha uma fresta de luz embaixo. Abri a porta do quarto ao lado. Tentava ouvir os sons na parede. Era a voz dele, recitando alguma coisa. Parecia uma poesia, falava com uma voz grave, triste. Eu não entendia nada. Eram palavras soltas, nem era uma língua estrangeira, mas algo que vinha de um passado que eu não tinha como conhecer. Saí e parei na

frente do quarto iluminado. Já não ouvia som nenhum, mas a luz embaixo da porta tremia um pouco. Girei a maçaneta, bem devagar. Abri só uma fresta. Lá dentro eu vi uma cama quadrada, parecia um palco. Cheia de lençóis espalhados, brancos, meio manchados de sangue. Em cima da cabeceira ficava um quadro enorme, que cobria a parede toda. Era uma floresta verde e densa. Meu pai estava deitado no centro do quadro, de olhos fechados, ele mesmo em alto-relevo, deitado mas em posição vertical, a cabeça um pouco mais alta que a copa das árvores. Não parecia preso ao quadro, estava só encostado de leve, mas não tinha como cair. Usava um terno novo, preto, com uma fita vermelha no pescoço e uma medalha grande, bem no meio do peito.

Estava sozinho?

Alguma coisa se mexia debaixo da cama. Era uma mulher nua, muito bonita, se contorcendo. Na verdade, se masturbava em cima de um tapete igual ao da entrada. Era linda, se masturbava muito devagar.

Parecida com alguém?

Eu não conseguia ver direito.

Não via, mas *sabia* que era linda?

Tinha um cabelo lindo. Um corpo lindo. Era sexy a maneira de se esfregar nos pelos do tapete. Parecia um balé em câmera lenta.

Seu pai tinha os braços abertos? Estava morto?

Estava com as mãos nos bolsos da calça. O corpo era de quem dormia, com uma perna cruzada sobre a outra perto do calcanhar. O rosto parecia de um morto, sim.

Dor?

De vazio mesmo. Sem vida. Ou parecia. Não entrei, fiquei espiando de fora, pela fresta.

Se masturbava também?

Não lembro de mais nada. Acordei irritado.

Com quê?

Não sei. Ficar de fora. O castelo, as palavras que eu não entendia, o prêmio, o prazer...

Nem tudo, não? O corpo enforcado com a medalha, a mulher que goza diante do cadáver. O prazer era seu, de violar um segredo, espiar. A estrela pelo buraco, o quarto pela fresta.

Talvez parte da irritação fosse culpa.

Foi você ou ele que falou de castelo quando você ligou para dar os parabéns?

Eu. Falei que agora ele podia comprar até um castelo.

O que ele disse?

É difícil ter um castelo sem empregados.

Ele não gosta de empregados?

Às vezes lava a louça e os banheiros só para não ter ninguém em casa. Vai para um hotel todo sábado para a faxineira entrar. Um hotel de frente para a praia.

Ninguém para limpar a estrela dourada e os lençóis... Ele reclama quando você aparece na casa dele?

Prefere me visitar. Pode ir embora quando quer. Não precisa mostrar que está a fim de se livrar da visita.

Quando você ouviu a notícia, qual foi sua primeira reação?

Achei que tinham feito uma montagem no meu computador.

Imaginou que alguém no trabalho tivesse feito uma brincadeira?

Eu estava em casa.

Mesmo morando sozinho, pensou que alguém tivesse plantado uma notícia falsa no computador da sua casa...

Pensei.

Você acha que ficou feliz quando soube que era verdade?

Como eu não ia ficar feliz?

\* \* \*

Então. Tô tentando, tentando muito. O homem não quer. Se acha do caralho. Quem não ia se achar do caralho? Já falei com meio mundo. Consegui encontrar o editor. Tava em Paris. Os dois filhos até que falaram. Filhos mesmo do cara. Deram o número, mas ele desligou o celular. Entrevistei os dois porteiros do prédio dele, a faxineira, o barbeiro, o cardiologista. Até as meninas da academia. Liguei pra cinco ou seis diplomatas. Ninguém resolve, nem os filhos. Falei com três ex-mulheres. Uma me chamou de peruca. Três ex-mulheres, é mole?

Tenho. Dá um caderno inteiro. Mais de sete páginas já. Muita coisa boa. Um dos filhos me mostrou uma carta que o pai mandou da China, quando morava lá. O cara ainda escreve carta. Manda pela mala diplomática. O filho defende, diz que é uma maneira digna que o pai achou de falar sozinho. Já fez duas corridas com o cardiologista. Não, não é eletro de esteira não. Corrida mesmo. Na rua. Ele não quis falar da saúde dele, mas deu a entender que quem corre não tá mal. Fonte boa mesmo foi a empregada. Aparece só uma vez. Lava umas dez panelas, uns quinze pratos, joga umas dez garrafas de vinho na lixeira, recebe as compras do mercado que ele faz pela internet. Ele deixa a grana em cima da geladeira. Ela diz que é um roubo. O preço das coisas pela internet. Justina é o nome dela. A Justina acha que ele dorme no chão, por causa das costas. A cama tá sempre feita. Ela nunca viu mulher lá, mas diz que o cheiro do quarto não engana ninguém.

Não, a exclusiva não rola, não tem jeito. Ele não vai dar. Não vai dar exclusiva nem coletiva. Você não pode me ameaçar assim.

Errei nada. Duvido que alguém tenha conseguido o que eu consegui. Só eu falei com ele. Desligou na minha cara não. Foi escroto, mas não desligou na minha cara. Eu disse que só faria uma pergunta. Ele disse que uma pergunta que começava por



“Então” já era uma resposta. O cara é arrogante pra cacete. Mas não foi grosso. Disse que o telefone era pra falar com os filhos, pra mais ninguém. Só dá sinal de desligado.

Então bota alguém pra me ajudar. De plantão lá na porta do prédio, vinte e quatro horas. Ele pode sair a pé a qualquer momento. Ele mesmo dirige, sai rápido sempre. Não, não vai a lugar público. Nada de cinema, shopping. Não foi à academia desde que voltou. Eu não posso deixar de ver meu filho. A creche abre às oito e fecha às cinco. Você sabe onde tá o filho da puta do pai dele, né? Teu amigo, né? Mui amigo. Além de botar um filho no mundo que tá derretendo, não sabe nem onde fica a porra da creche. A menor pelota. Nunca deu. E agora sou eu que vou ter que deixar ele sozinho em casa, sem pai nem mãe?

\* \* \*

Era uma vez um homem que não queria morrer. Não tinha restrições à morte propriamente, a seu desenrolar, a seus métodos; nutria mesmo um discreto interesse por aquela experiência que, não fosse a alegada irreversibilidade, pareceria até sedutora em seu poder de subversão, em seu transcurso incerto, carente de qualquer relato.

Desejava apenas não parar de viver. Hoje, dali a setenta anos, em qualquer ponto do futuro que sua mente podia imaginar.

A suspeita de que não tinha o dom da imortalidade lhe apareceu precocemente, e logo começou a planejar e a construir formas precárias de sobrevida, como a posteridade. Imaginava maneiras de permanecer em feitos e obras. Se a carne é orgânica, transitória, o nome é imperecível. Gravava-o pelo mundo, nos cascos dos animais, nas raízes centenárias, em sementes, con-

chas, pedras, cavernas, montanhas. Escrevia poemas que se cantavam como música, erguia templos que se faziam sagrados.

Nada lhe era imotivado; pensava sempre nas possibilidades e no sentido da permanência. O que importa: habitar a memória impalpável, sua existência insubstancial, ou imprimir-se no corpo dos objetos, como um registro fixado no tempo e no espaço? O que é permanecer na memória do outro? Ou na materialidade do mundo? Sou eu mesmo que lá sobrevivo ou um conjunto de referências que mal roçam meu ser? Como assegurar que essas referências remetam a mim, sem resvalar em outro nem se contaminar de outro? Que forma assumo quando sobrevivo em alguém? Ecos de um nome, uma voz, um retrato movediço de vários ângulos e idades, uma situação, um sentimento? Como essa aparência de individualidade no outro se comunica comigo? Ou com essa mesma evocação em outros indivíduos? Que ser nasce disso? Vive em meu lugar ou me faz viver novamente?

Ele pensava e pensava, e protegia-se de pensar espalhando evidências de si, suas obras, seu nome. Forjava a imortalidade possível e tentava se assegurar de que ela estaria confinada ao domínio de *sua* individualidade, sem interferências de homônimos, erros de pessoa, impurezas da memória.

Um dia, deitado na montanha, pensou o tempo e compreendeu o tempo. Como o filósofo, olhou o abismo, e o abismo olhou-o de volta. Descobriu que o tempo era aquilo que impedia as coisas de acontecerem de uma só vez e o que lhe dava a ânsia de alongar-se e não ter fim. Nada do que fizesse resistiria ao tempo. De nada valeria ganhar uma sobrevida póstera, simbólica, se esta também se apagaria. Para não se extinguir de todo precisava aderir ao tempo, tornar-se tempo.

O tempo caminhava. E junto ele seguia. Homens nasciam, viviam, homens morriam, em carne e em memória, e ele testemunhava tudo, inextinguível como o tempo. Afeiçãoava-se